

FME	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	05.08.91	
Caderno	1	Página 2
Seção		
Assunto	HISTÓRIA (FONTES)	

População ignora beleza das fontes históricas da capital

Jorge Lindsay

Certamente a maioria da população desconhece, mas Salvador possui belas fontes-monumentos. Algumas consideradas raros exemplares de arquitetura que, nos tempos do Império, encheram de orgulho a sociedade. Resistente ao tempo, grande parte desses monumentos, entretanto, ficou à mercê das mazelas provocadas pelo esquecimento ou abandono, em nome de um decantado progresso, engolfadas pelas mudanças e ampliações arquitetônicas e paisagísticas, que transformaram o perfil da cidade. As fontes e chafarizes que deram água de gasto e de beber, antigamente, hoje sequer são apreciados em sua beleza, com gabarito de monumentos históricos. Desapercebidos, se transformam em enigmas diante de olhares curiosos, por acaso despertados no vaivém da cidade.

Trata-se de uma questão cultural, conforme costumam sintetizar historiadores e interessados. Cultura à parte, tais peças artísticas, encravadas em locais tradicionais, não chegam a despertar a admiração merecida, pelo menos nas horas de lazer. Carência de cultura ou de sensibilidade? Eis a questão mais apropriada, para se decifrar a indiferença com que as nossas fontes-monumentos são tratadas. O historiador Cid Teixeira tem a resposta na ponta da língua e abrange do aspecto especificamente cultural ao crescimento da população. Mas é taxativo: "Não se deve culpar o povo pelo esquecimento desse pedaço de memória da sua terra".



Foto: Carlos Santana

Na Piedade, a água jorra dia sim dia não e ninguém se detém a admirar a beleza da fonte

Esquecimento

As belas fontes encontradas em importantes artérias de Salvador — muitas das quais ainda conservam suas formas originais, aumentando seu valor histórico —, apesar de elemento indispensável na composição ambiental de uma praça, principalmente ao observar-se que a água jorrando é sempre um elemento vivo de estímulo às horas de lazer e descanso, continuam no esquecimento. O salutar hábito de observar fontes luminosas diluiu-se com o tempo, conforme observa o professor Cid Teixeira. "Houve época em que as famílias e casais de namorados gravitavam e sentavam-se em torno delas em prazeroso deleite", relembra. Hoje, esses espaços, quando não ignorados, são utilizados para finalidades inconfessáveis e insalubres. A merecida admiração fica por conta de turistas que, normalmente, as procuram, seguindo roteiros estabelecidos previamente.

Bastante destacada pela sua localização, a fonte do Largo da Piedade, por exemplo, já não exerce o fascínio de antigamente. Rodeada de figuras mitológicas, em bronze, carece de iluminação. Sua presença chega a ser ignorada. "Isso aí é uma fonte?", respondeu Luiz Ribeiro Horta, 17 anos, estudante da última série do 2º grau, ao ser indagado sobre aquele monumento, enquanto o aposentado Horácio Menezes, 60 anos, lembrava ter passado bons momentos "observando estas belas mulheres", referindo-

se às estátuas gregas. "Mas hoje tudo é desencanto", completou.

Obscurecida

Construída no início dos anos 70 pelo escultor Mário Cravo, a fonte da Praça Cayru gerou polêmicas quanto ao significado de suas formas, em fibra de vidro. Iluminada esporadicamente, em tempos festivos, a fonte continua chamando atenção exatamente por suas características, contrapondo-se ao estilo colo-

nial ou tradicional da praça. Impacto e curiosidade são duas reações mais comuns de turistas que a vêem pela primeira vez. "Levei uns cinco minutos tentando decifrar o que significam estas formas, que parecem velas cheias ao vento", revelou a carioca Rute Aguiar. Mas a beleza da fonte, à noite, é obscurecida pela falta total de iluminação.

Aflitos

Apesar de sua imponência e requinte escultural, poucas pessoas param para

observar o "Chafariz da Libertação da Bahia", encravado no Largo dos Aflitos, um dos mais ricos do gênero existentes em Salvador. Monumento de valor histórico e artístico, trabalhado em mármore de carrara, com 22 palmos de diâmetro e 28 de altura, apresenta no alto do pedestal um caboclo pisando uma serpente (símbolo da Bahia), vencendo o domínio da Metrópole e, embaixo, quatro cavalos alados de onde jorra água. "Eu passo aqui todos os dias e nunca notei esta estátua. Parece que é homenagem a algum figurão morto", disse o comerciante Jairo Cajazeiras, olhando curioso o monumento.

Também as fontes e monumentos do Campo Grande e do Terreiro de Jesus (este em fase de restauração) são alvos da indiferença nativa e, muitas vezes, servem para finalidades opostas aos objetivos com que foram construídos e instalados. Profundo conhecedor das coisas da Bahia, o historiador Cid Teixeira absolve o povo de possível ignorância no que se refere aos valores destes monumentos. "Na realidade, há uma perda de referencial provocada pelo crescimento da cidade e da população sem que os meios culturais e de comunicação mantivessem, paralelamente, esse referencial" afirma Teixeira, argumentando "ser até compreensível que um estudante desconheça estes valores culturais, uma vez que, possivelmente, seus professores, pelo mesmo motivo, não tenham condições de informar-lhe a respeito".



Foto: Valdir Argollo

Nos Aflitos, um dos chafarizes mais bonitos: da Libertação